

UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA
LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA- **UNILAB**

CENTRO DE HUMANIDADES E LETRAS

BACHARELADO EM HUMANIDADES

ANA LETÍCIA FERREIRA DA SILVA

**A IMPORTÂNCIA DA RELIGIÃO AFRICANA, O AMOR PELO
DIVINO**

REDEÇÃO

2014

Ana Letícia Ferreira da Silva

**A IMPORTÂNCIA DA RELIGIÃO AFRICANA, O AMOR PELO
DIVINO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel em Humanidades, pela Universidade Internacional da Lusofonia Afro-brasileira, sob a Orientação do Prof. Dr. Luís Tomás Domingos.

REDENÇÃO

2014

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Direção de Sistema Integrado de Bibliotecas da Unilab (DSIBIUNI)
Biblioteca Setorial Campus Liberdade
Catálogo na fonte
Bibliotecário: Gleydson Rodrigues Santos – CRB-3 / 1219

S578i Silva, Ana Letícia Ferreira da.

A importância da religião africana, o amor pelo o divino. / Ana Letícia Ferreira da Silva.
– Redenção, 2014.

46 f.: il.; 30 cm.

Monografia do curso do Bacharelado em Humanidades do Instituto de Humanidade e Letras da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira – UNILAB.

Orientador: Prof. Dr. Luís Tomás Domingos.
Inclui anexos e referências.

1. Religião. 2. Brasil - Religião - Influências africanas. I. Título.

CDD 200

ANA LETÍCIA FERREIRA DA SILVA

**A IMPORTÂNCIA DA RELIGIÃO AFRICANA, O AMOR PELO
DIVINO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel em Humanidades, pela Universidade Internacional da Lusofonia Afro-brasileira, sob a orientação do Prof. Dr. Luís Tomás Domingos.

Aprovada em: 25/11/14

Nota: 10

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. Luís Tomás Domingos – UNILAB (Orientador)

Prof.^a Dra. Marília De Franceschi Neto Domingos - UNILAB (Examinadora)

Prof. Dr. Gledson Ribeiro de Oliveira – UNILAB (Examinador)

Dedico com todo amor e respeito esse trabalho a todos os Divinos adorados, e para todos os crentes de todas as religiões. Todo Deus é Deus, até aquele que não carrega esse nome.

AGRADECIMENTO

Primeiramente ao meu Deus que me possibilita estudar os divinos, e por estar sempre dando o auxílio necessário. Por ter me dado dom da vida. Sei que “tudo posso naquele que me fortalece”.

Agradeço a minha mãe Francisca Ferreira, a pessoa mais importante da minha vida, a quem eu devo tudo o que tenho e sou. Obrigada por sempre acreditar que posso mais. Aos meus amados tios, Tia Tiburcia, Tio Cicero e Tia Juliana, e o restante dos meus familiares por acreditar na minha capacidade.

Ao professor Dr. Luís Tomás Domingos, pela sua orientação e empenho para com esse projeto, pelos conselhos de amigo, pelas preocupações, e por muitas vezes enxergar em mim o que ainda eu não tinha visto.

A meu namorado Jefferson Cruz que sempre me presenteia com a sua paz que me acalma, pela paciência e sabedoria em usar as palavras certas para me ajudar a conduzir esse projeto. Pelo o apoio verdadeiro e por segurar a mão nos momentos difíceis. Deus em nós um só.

As irmãs de coração que Deus pós em meu caminho, as seis amigas da qual compartilho todos os momentos da minha vida, minhas irmãs de alma, minhas amis'casa. Também aos amigos que não estão presentes fisicamente todos os dias, uns de perto outros de longe, rezando e me ajudando nos momentos de dificuldades. Agradeço a minha filha de coração Katherine Giovanna que apesar de ainda não entender, alegre meu coração e me arranca os melhores sorrisos.

Aos Pais e Mães de Santo que foram à figura de extrema importância, e por ter aberto suas casas para entrevistas e observações. Aos cristãos da cidade de Redenção por contribuírem com essa pesquisa.

A todos os professores da UNILAB, Instituto Humanidades e Letras, por ensinarem.

Ao meu irmão Rubens Ferreira, e aos meus primos Maria Eduarda, Julia e Robson por garantir minha alegria quando estava sem forças para continuar.

Ao meu amado Ministério de Artes da Comunidade e Associação Católica Luz de Deus, por entender quando eu estive ausente. Enfim, aos amigos e colegas não citados, e a todos aqueles que colaboram direta ou indiretamente para que este trabalho acontecesse. Àqueles que acreditaram em mim, muito obrigada!

RESUMO

Esse trabalho vem abordar a visão da população de Redenção perante o divino, os cristãos para com os praticantes da religião africana e afro-brasileira. A religião é uma das bases da sociedade que está presente desde os primórdios da existência humana, sendo assim um objeto rico para análise. Dentro desse cenário, este trabalho consiste em investigar o divino que é visto pelas religiões referidas dentro do contexto “libertador” da cidade de Redenção. O desconhecimento da religião de matriz africana na cidade de Redenção é intrigante, pois a cidade foi a pioneira em libertar os escravizados no Brasil e desde então é conhecida como a cidade da liberdade, onde o campo libertador não é e nunca foi posto em prática. Se em Redenção existiam escravizados, com certeza eles exerciam suas religiões, sendo muitas vezes a cristã por terem sido muito bem “catequizados” pelos colonizadores da época, mas sempre com uma marca cultural africana. A pesquisa tem o objetivo de analisar as visões dos crentes, dos cristãos para com os que praticam a religião de matriz africana, e vice-versa. A metodologia utilizada nesse trabalho baseia-se na pesquisa bibliográfica e pesquisa do campo: visitas às casas de pais e mães de Santo e na pesquisa com os cristãos da cidade, sendo católicos e protestantes. Pretende-se assim entender como acontece e o que causa o estranhamento dentro dessa população que apesar de se dizer ligada à “cultura africana” nega a existência da religião na mesma.

Palavras chaves: Religião, divino, Afro-brasileiro, fé.

Sumário

INTRODUÇÃO.....	09
CAPÍTULO I: O Divino perante a sociedade.....	12
1.1 O divino que é visto pelos Cristãos Protestantes de Redenção.....	17
1.2 O divino que é visto pelos Cristãos Católicos de Redenção.....	22
CAPITULO II: O divino estranhado na cidade da liberdade.....	29
2.1 O divino das Religiões de Matriz Africana e Afro-brasileira.....	32
2.2 A Religião: Seja ela qual for, um amor que se faz divino.....	37
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	42
ANEXO I.....	44

“Não existe religião alguma que seja falsa.
Todas elas respondem, de formas diferentes,
a condições dadas da existência humana”.
(E.Durkheim)

INTRODUÇÃO

O trabalho de conclusão de curso - TCC, sob o tema: A importância da Religião Africana, o amor pelo divino, nasceu das inquietações ao longo do percurso acadêmico no Curso de Bacharelado em Humanidades da UNILAB, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira, Campos da Liberdade, Redenção-Ce, quando confrontadas com as reflexões sobre o desconhecimento da religião de matriz africana dentro de um contexto cultural “existente” na cidade de Redenção e o esconderijo dos cultos perante a sociedade.

A religião africana chegou ao Brasil junto com os escravizados no período da colonização, aonde também chegaram os europeus com suas religiões e costumes, e que ainda hoje existem muitas marcas dessa cultura que foi “tão bem implantada” a ponto de “esquecerem” a que já existia, e negarem a existência da africana. A cultura africana existe, mais tem todo um tabu que a torna em negativa.

Dentro desse cenário cultural brasileiro a cidade de Redenção que se localiza no maciço de Baturité no estado do Ceará, onde é chamada de cidade da liberdade por ter sido a primeira cidade a libertar os escravizados no Brasil. Apesar de hoje dizer viver dentro do contexto cultural libertador africano, o estranhamento dos habitantes da cidade da “liberdade” perante a cultura e religiosidade africana é intrigante. Muitos dos moradores de Redenção, e os das cidades vizinhas, no âmbito religioso, dizem desconhecer os cultos africanos e não conhecer praticantes da religião. A sociedade mascara realidades cotidianas, por vergonha de falar que conhece, ou de mostrar interesse em praticar as religiões.

De tanto a sociedade suprimir a religião de Matriz Africana e Afro-brasileira, muitos dos praticantes temem ser julgados, muitas vezes negando a religião que praticam, e para não serem perseguidos seguem o cristianismo, seja católico ou evangélico. Esses praticantes vivem como escravos de uma sociedade preconceituosa, que não quer enxergar que a cultura africana por um todo está totalmente vinculada ao Brasil, e principalmente a cidade de Redenção.

O fato de que os centros ou casas onde são realizados os cultos africanos muitas vezes são em locais mais escondidos é uma estratégia para que os praticantes que não

querem ser apontados como “Macumbeiros” ou que seguem ao “demônio”, pudessem ir aos seus cultos sem serem percebidos.

A religião sempre foi e sempre será um fator de extrema importância nas sociedades, pois funciona como uma espécie de “proteção” do corpo e da alma. Encontra-se o problema pela ótica intolerante daquele que crê unicamente em seu culto e nega a possível existência de uma religião distinta.

Atualmente as religiões ocupam um panorama diferente de épocas passadas e isso se deve, em partes, ao fato de o Brasil designar-se um país laico, mas como leciona a antropóloga Mundicarmo Maria Rocha Ferretti, isso ainda não pode ser visto em sua amplitude.

“Atualmente no Brasil, embora as relações entre as religiões afro-brasileiras e o Estado sejam consideradas boas, as religiões de matriz africana continuam a ser vistas com desconfiança por grande parte da população e consideradas inferiores ao catolicismo, ao protestantismo, ao judaísmo, ao budismo e outras. Apesar da apregoada liberdade de expressão religiosa, no Brasil, as religiões de matriz africana estão longe de serem valorizadas e respeitadas como o catolicismo, que já foi a religião oficial, e o protestantismo que foi implantado aqui há muito tempo. Um atestado dessa realidade é a ausência de pais e mãe-de-santo como sacerdotes em eventos e cultos ecumênicos promovidos pela Igreja Católica ou por ela orientados.”
(MUNDICARMO, 2007, p. 03)

A antropóloga cita apenas uma das diferenças entre as religiões de matriz africana e as cristãs, que é sobre a ausência de pais ou mãe-de-santo nos cultos ecumênicos, mas dentro da problemática que é o “esquecimento da sociedade” em questão a religiosidade de Matriz Africana, o culto ecumênico vem a ser o menor caso, porém não menos importante.

O capítulo I (A SOCIEDADE PERANTE O DIVINO) vem mostrar a realidade da cidade de Redenção, o divino em que “todos” adoram e a espiritualidade que vivem. Os sub-tópicos desse capítulo: O divino que é visto pelos cristãos protestantes de

Redenção; e O divino que é visto pelos cristãos católicos de Redenção vêm trazer o modo de pensar e agir dos redencionistas cristãos segundo as observações obtidas em campo. A problemática do capítulo é a vivência fiel dos crentes perante uma doutrina, onde a elegem como única e reprimem as que não são cristãs, o estranhamento da população com a cultura africana, onde se buscará apontar os comportamentos ambíguos e intolerantes dos cristãos da cidade.

O segundo capítulo, que tem como título O DIVINO ESTRANHADO NA CIDADE DA LIBERDADE, vem apresentar os motivos pelos quais a cidade de Redenção recebe esse nome, e como a população reage e vive nesse contexto, onde entra em contradição com o ato “heroico” e com o desconhecimento do povo da qual se refere ao heroísmo. Os sub-tópicos desse capítulo são: 2.1 O divino das religiões de matriz africana; 2.2 A religião: seja ela qual for um amor que se faz divino. O sub-tópico 2.1 traz o divino que é adorado nas religiões de matriz africana e como isso foi trazido e aceito no Brasil, dentro do contexto em que o país se encontrava, ou seja, Brasil-Colônia. O sub-tópico 2.2, sendo o último assunto deste trabalho, vem mostrar o conceito de religião como um todo, trazendo a necessidade do fiel em crer em algo que é divino e elegê-lo como o senhor de sua vida.

Ao buscar entender o amor pelo que é divino esse trabalho mostrará as diferentes formas de demonstração desse amor dentro das religiões de Matriz Africana e Afro-brasileira, e religiões cristãs, visando sempre o estranhamento da sociedade cristã para com a religião afro-brasileira, e vice-versa, procurando estar em diálogo com o desejo dos praticantes em ver sua religião entrar no conceito da liberdade, como é chamada a cidade de Redenção.

CAPÍTULO I - A sociedade perante o divino

O divino é um ser supremo, um Deus ou uma divindade que está situado em todo tipo de religião ou doutrina na sociedade. Ele é vinculado ao conceito de cultura e em muitas cidades do Brasil, por exemplo, é o principal movimento cultural. O divino é encontrado dentro da crença em forma de símbolos, deuses, e entre outras divindades. A religião sempre foi uma necessidade do homem de crer em um “ser supremo”, em algo ou alguém que é maior, um ser transcendental, que possa salva-lo do mal e que lhe apresente novas formas de viver, e essa necessidade de acreditar é chamada de fé.

Acredita-se que a fé do homem move “montanhas” assim como é dito no livro de Lucas na bíblia Católica *“E disse o Senhor: Se tivésseis fé como um grão de mostarda, diríeis a esta amoreira: Desarraiga-te daqui; e planta-te no mar; e ela vos obedeceria”*. (Lc 17:6). A fé é o principal veículo de todas as religiões, é o pilar onde se começa a acreditar sem medidas e viver a partir dela. Não só a cristã, como de todas outras religiões, a fé é o que move a crença, o que faz a religião existir. Na religião de Matriz Africana, por exemplo, a fé e/ou o divino, são voltados para os Orixás, como também os ancestrais que são tidos com uma imagem importante dentro do vínculo familiar, eles são considerados sábios, como um ser divino.

“Que são as religiões? À primeira vista nos espantamos com a imensa variedade de ritos e mitos que nelas encontramos, que nos faz pensar que talvez seja impossível descobrir um traço comum a todas. No entanto, assim como no jogo de xadrez a variedade dos lances se dá sempre em cima de um tabuleiro quadriculado e dividido em espaços brancos e pretos, as religiões, sem exceção alguma, estabelecem uma divisão bipartida do universo inteiro, que se racha em duas classes nas quais está contido tudo o que existe. E encontramos assim o espaço das coisas sagradas por uma série de proibições, as coisas seculares ou profanas.” (ALVES, 1996, p. 49)

Assim como Rubem Alves diz no seu livro *O que é Religião?* A religião é encontrada em todo tipo de sociedade, de diferentes modos de ver e de viver, ela é

uma veneração a tudo que é sagrado, é uma crença da qual as pessoas buscam uma satisfação nas práticas religiosas para suportar os sofrimentos e buscar a alegria. Cada religião tem sua crença nas quais os fiéis acreditam e seguem.

“A enorme e ampla variedade de diferenças entre os homens, em crença e valores, em costumes e instituições, tanto no tempo como de lugar para lugar, é essencialmente sem significado ao definir a natureza.” (GEERTZ, 1989, p.47).

As diferenças entre as crenças não têm significado para definir o que acontece na natureza humana. Segundo Geertz, as crenças só mudam o que estão a sua volta, os crentes que vivem ativamente a sua fé. As diferenças podem afetar a vida pessoal de um determinado grupo na sociedade, porém não pode mudar a natureza dela.

Portanto sem mais cerimônias, uma religião é: um sistema de símbolos que atua para estabelecer poderosas, penetrantes e duradouros disposições motivações nos homens através da formação de conceitos de uma ordem de existência geral e vestindo essas concepções com tal aura de fatualidade que as disposições e motivações parecem singularmente realistas. (GEERTZ, 1989, p.105)

O cristianismo chegou ao Brasil junto com os europeus e um tempo depois vieram os africanos com suas crenças e doutrinas chamadas de religiões “tradicionalistas Africanas”. Como os africanos vieram sendo escravizados, tiveram que aderir a cultura e com ela a crença europeia, para que assim eles pudessem ter controle para com todos. Todos exercendo a mesma cultura faziam com que tudo acontecesse segundo o planejado.

A existência da religião ainda está muito ligada à tradição do cristianismo, católico e protestante, onde é comportada a grande maioria da população brasileira, apesar de se dizer ser teoricamente um país “laico”, que não possui religião oficial, na prática isso não ocorre. A marca do cristianismo reina no cenário brasileiro e para alguns, aceitar outro tipo de religião é considerado crime, e essa resistência, por vezes está inserida na consciência da população que se diz ser cristã.

O maior desafio é enxergar e respeitar a crença do outro. Assim como há cortesia pelos quais comungam da mesma fé, a aceitação do que se desconhece se torna relativamente mais rara quando o indivíduo já tem adquirido ao longo de sua vida uma Razão ou Ser, para crer e a elege como única. O que causa o afastamento entre congregações é a crença que limita e aparta o crente da ideia politeísta. Só que respeitar e acreditar tem significados diferentes.

Mediante essa situação, desde o período da colonização, o cristianismo, com predominância da religião católica à época, chegou ao Brasil e se colocou como a religião oficial do espaço colonial. Em algumas situações, tentavam reprimir as manifestações religiosas dos escravizados africanos e lhes impor o paradigma cristão. Em outras situações, preferiam fazer vista grossa aos batuques, danças e formas de prestar culto ocorrido nas senzalas. Diversas vezes os negros organizavam propositalmente suas manifestações em dias-santos ou durante outras festividades católicas para poder manifestar suas crenças sem que fossem percebidos.

A devoção africana sempre foi vista como culto de demônios, povos cheios de superstições. Os orixás eram comparados aos santos, considerados intermediários entre a humanidade e Deus. Um Deus que vai escutar as orações a partir das interseções dos santos para os católicos, dos orixás para os crentes da religião de matriz Africana.

Na cidade de Redenção no interior do Ceará não é diferente, a população cristã praticante ainda é a maioria. O número dos fiéis que são Católicos é relativamente maior do que os protestantes, porém diferente de outras cidades o movimento protestante é um pouco mais ativo, apesar da paróquia católica ser bastante movimentada pelo o público jovem. Os cristãos protestantes de uma igreja em especial, a mais populosa de cidade da qual tem o nome Igreja Batista de Redenção tem um grande movimento catequético. A Igreja Católica sempre teve movimentos desse tipo, é o caso da participação da Comunidade Católica Shalom, que tem um centro de evangelização na cidade.

A marca do preconceito e rejeição não se encontra apenas com as religiões que são cristãs com as que não são cristãs, as próprias têm preconceito umas com as outras por serem de doutrinas ou congregações diferentes. O preconceito tem se manifestado com qualquer religião que não seja a sua, e principalmente com as que

não são cristãs, que não creem no Cristo, por exemplo. Em relação à religião de matriz africana o preconceito se torna maior. Essa religião, para muitos é uma doutrina que somente negros cultuam, e como a visão que se tem de negro ainda é de uma cultura negativa, a crença é vista como ruim pelos que não conhecem. A “sociedade” discrimina tudo que é ligado à religiosidade de origem Africana e acreditam que serve para fazer o mal, e muitos dizem que seja ligada ao “diabo ou maligno” aquele que é inimigo de Deus, e ainda mais, que é usada para prejudicar ao próximo. No entanto algumas pessoas que são praticantes ativas da religião temem em assumir publicamente, por medo de serem motivo de preconceito, pelo tabu dado à cultura africana.

A cultura é a melhor vista não como complexos de padrões concretos de comportamento costumes, usos, tradições, feixes de hábitos, como tem sido o caso até agora, mas como um conjunto de mecanismo de controles, planos, receitas, regras, instituições para governar o comportamento. (GEERTZ, 1989, p.56).

A cultura do brasileiro em buscar constante fundir-se à cultura europeia, até hoje deixa resquícios no comportamento da sociedade brasileira. A não aceitação da cultura africana está implantada desde a chegada dos escravizados, e a cultura deles é, até nos dias de hoje, vista por muitos como suja. Toda religião de matriz africana, desde o período da colonização até os tempos atuais é chamada de “macumba”, pois os africanos tocavam um instrumento com esse nome nos cultos e quando as pessoas vinham chamava-os de macumbeiros e desde então todos os que praticam qualquer religião de matriz africana são denominados macumbeiros, um nome que para muitos soa como uma ofensa, pois tudo que é relacionado aos macumbeiros logo é associado ao um povo ruim, que pratica o mal para com o próximo.

O divino movimenta uma vasta parte da sociedade, seja ela no âmbito econômico capitalista, ou espiritual. Fazer do divino pessoal um divino que seja adorado pelo coletivo sempre foi e sempre será um dos pontos cruciais das missões catequizadoras, hoje chamada de evangelização, usada desde os princípios cristãos. A sociedade vive em constante mutação e na área religiosa se encontram pessoas que eram cristãs e passaram a ser membros de centros espíritas, participantes ativos da religiosidade africana e/ou afro-brasileira, ou até mudam de congregação, de católico

para protestante e vice-versa. Também há pessoas que se dizem cristãos e participam dos cultos africanos só para não serem notados ou nomeados macumbeiros. Todo crente é carente de um divino que possa suprir suas necessidades maiores, como cura de doenças físicas e espirituais, e situações cotidianas e muitos deles passam por muitas religiões para poder encontrar com a que se identificam ou que simplesmente esteja de acordo com que acredita que seja a “verdadeira”. Alguns crentes na verdade buscam um “Deus” que possa fazer milagres, que faça acontecer seus desejos.

A essência da religião não é a ideia, mas a força. O fiel que entrou em comunhão com o seu Deus não é meramente um homem que vê novas verdades que o descrente ignora. Ele se tornou mais forte. Ele sente, dentro de si. Mais força, seja para suportar os sofrimentos da existência, seja para vencê-los. (ALVES,1996, p. 53)

O grande montante da fé é crer no que é invisível. No cristianismo e em outras religiões se crê no espírito, algo que é imaterial, até mesmo os diferentes tipos de deuses criados para serem adorados e reconhecidos como divino. O fiel crê apenas em palavras, palavras essas que vão passando de um para outro até fazer da religião uma marca conhecida e seguida por muitos. A religião depois de fecunda no crente torna-se algo primordial, pois se acredita que o divino é o responsável por conceder a vida, então para honrar a humanidade doa-se, adora e prega sua fé.

Dentro no conceito de divino, que é um Ser supremo, um Deus, existe a religião que é a ligação entre o divino e o crente. Esta faz com que o crente que lhe seja adepto a eleja como a única e lute para mostrar a todos os outros que cultuam outro divino que a sua religião é a verdadeira. Essa visão de ideia monoteísta está inserida em todos aqueles que se dizem cultuar seu Deus, ignorando a existência de outros. Portanto pode se dizer que a partir do momento em que começa a exercer uma doutrina, seja ela qual for, o divino que é do outro não existe, ou ao menos é visto como negativo, aqui resta demonstrado que, muitas vezes ser crente ao seu Deus é ser intolerante ao do outro.

1.1 O divino que é visto pelos Cristãos Protestantes de Redenção

A religião cristã possui três vertentes principais, sendo que duas são: o Catolicismo e o Protestantismo, este último, surgido durante a reforma protestante do século XVI. O protestantismo é dividido em grupos menores chamados de denominações. Os cristãos acreditam que Jesus Cristo é o filho de Deus que se tornou homem e o salvador da humanidade, morrendo pelos pecados do mundo. Geralmente, os cristãos se referem a Jesus como o Cristo ou o Messias.

O protestantismo foi criado durante uma tentativa de reforma na igreja católica iniciada por Martim Lutero, os motivos para esse rompimento incluíram principalmente as práticas tidas como ilegítimas para este reformador, dentro da Igreja católica, além da divergência em relação a outros princípios católicos, como a adoração de imagens, o celibato, as missas em latim, a autoridade do Papa, entre outros. Para os protestantes a salvação é concebida através da bondade de Deus, da qual as pessoas podem se relacionar diretamente com o seu criador, diferente dos católicos que além de se relacionarem com o Cristo, também cultuam os Santos e os fazem de intermediadores, intercessores de seus pedidos.

Os protestantes defendem a crença de que a única autoridade a ser seguida é a palavra de Deus, presente na Bíblia Sagrada. Desta forma, através da ação do “Espírito Santo”, os cristãos, ao lerem a Bíblia, têm uma maior “harmonia com Deus”. Por esse motivo, a partir da Reforma Protestante, a Bíblia foi traduzida para diversas línguas e distribuída sem restrições para as pessoas. Os “crentes” assim chamados pela sociedade recebem esse nome por serem altamente contra a ideia politeísta, eles cultuam o único Deus, Jesus Cristo e anulam a existência de todos os outros, assim como os católicos, mais para os protestantes nem os santos existem.

O divino evangélico, podendo assim o nomear, é o Jesus Cristo como foi dito anteriormente, o Jesus que foi mandado por Deus para morrer pelos pecados da humanidade, salvador único e responsável pela felicidade de seus seguidores. A maioria da população redencionista cultua esse divino. Dentro dessa maioria a parcela evangélica é diminuta, porém com atuação mais constante e expressiva, a mais “catequizadora” doutrina da cidade. Sendo diferente de outras cidades da região, Redenção tem uma grande parte de fiéis que vivem ativamente a crença cristã protestante. Os cristãos de uma forma geral e de maneiras diferentes, buscam sempre a evangelização como um meio ótimo para trazer ao centro de suas ações, pessoas

das mais diferentes realidades, o que requer dos cristãos, junto aos seus pastores, esforços para seguir à risca essas diferentes maneiras, com o fim de alcançar o objetivo pretendido, fazer com que as pessoas “se entreguem a Jesus”.

Como problema religioso, o problema do sofrimento é, paradoxalmente, não como evitar o sofrimento, mais como sofrer, como fazer da dor física, da perda pessoal, da derrota frente ao mundo ou da impotente contemplação da agonia alheia algo tolerável, suportável, sofrível, se assim podemos dizer. (GEERTZ, 1989, p. 119)

O sofrimento muitas vezes é o elo de ligação entre as pessoas e as igrejas. Esse sofrimento, como condição humana, é um sentimento avesso ao desejo natural do homem, que é a busca pela felicidade ainda que relativo. Revela-se uma base onde apoia-se a máxima: “meu Deus pode curar suas dores”, como sendo a linha de frente das ações de catequização das igrejas, retomando o conceito anteriormente abordado de evangelização como movimento de atração ao centro das ações promovidas pelas igrejas. Acreditam que quando se crê em um Deus, principalmente no Deus cristão, a vida do fiel será mudada e assim salva. A salvação que os protestantes propagam só é garantida quando já está “entregue a Jesus”. Essa proposta de salvação é a força motriz que impulsiona as igrejas protestantes, por meio de seus fiéis, a ir a campo em busca de “almas para o Senhor”.

A luta dos fiéis por quantidade de pessoas nos cultos é visível. A quantidade faz com que a igreja pareça ser a melhor. Se for evangélico, seja qual for à congregação, torna-se uma pessoa diferente tanto no contexto religioso quanto no seio da sociedade. Associar pessoas a religiões é como oferecer rótulos, de maneira a dissociar a vida pregressa da que de fato este assumiu ao inserir-se em um novo contexto religioso.

A ideia de “se entregar a Jesus” é usada em todas ou em quase todas igrejas protestantes, principalmente nas neopentecostais, e se torna um pouco contraditória com o modo que eles dizem adorar a Deus. Quando dizem que é preciso aceitar a Jesus negam toda a participação daquele que é divino, e a escolha se torna altamente própria, como se Jesus fosse apenas um divino que serve para estar dentro da vida das pessoas quando elas assim decidirem, o ato se torna contraditório porque nos seus cultos é dito que Jesus está e sempre esteve com crente, que ele é um filho amado por Deus. Se assim como é usado nas palavras protestantes de ser filho de

Deus, como já sendo filho pode escolher se quer, e se aceita o Deus como pai e divino da sua vida? Como pode o filho escolher o pai? Dado esse paralelo é pertinente perceber essa ligação entre pai e filho, onde o pai é o detentor de algumas obras de uma vida agraciada de bens materiais e imateriais, mas o filho é único que pode decidir ter ou não sendo que ela só virá com o mérito de pertencer a uma determinada crença.

O desejo das pessoas em aceitarem Jesus como o seu divino, muitas vezes acontece pelas promessas de uma vida mais próspera, mostrada através de testemunhos dados pelos fiéis que após terem aceitado o divino em sua vida tudo que havia de errado, desconcertado nela foi transformado ou no mínimo melhorado. Uma escolha que acredita que pode ter sido mudada a partir de apenas um culto, como por exemplo, os alcoólatras, que aceitam Jesus e de imediato deixam de beber; as pessoas desempregadas; que muitas vezes arrumam um emprego logo quando tomam essa “decisão”. Será que essas coisas acontecem devido a ação de Jesus na vida dos fiéis? Ou será que eles creem tanto na ideia da prosperidade que as coisas acontecem? Os crentes acreditam que podem melhorar porque cultuam esse divino, sendo que eles colocam Deus como um administrador de tudo, crê que tudo vai mudar e eles mesmos começarão a dar um novo rumo para as suas vidas.

A crença é que faz com que o fiel tenha coragem para melhorar as condições de vida. Muitos dos testemunhos que são feitos para evangelizar os fiéis partem do momento que Deus dá uma nova “direção” e tudo muda. O que chamam de direção é o modo de vida que irão seguir a partir do que manda a igreja, e quando saem dessa direção, as coisas voltam a ser como antes. Onde tudo que era pobreza, vira riqueza. A busca do divino também está relacionada ao sistema econômico, além de alimento espiritual, muitos dos fiéis visam o divino como uma ponte para melhoria financeira. As igrejas se transformam em empresas e os clientes são os crentes que usam do testemunho da “transformação” de sua vida, saindo da pobreza, a caminho da riqueza de forma instantânea, para que as pessoas que estão passando por dificuldades financeiras queiram “aceitar esse Jesus que ajuda também a pagar contas”. É uma crença que vai além da própria conceituação do divino, em algumas igrejas protestantes, onde se prega a ideia da prosperidade, os fiéis dão a metade do que tem para poder participar dos cultos, alguns pastores usam de capítulos bíblicos para convencer os fiéis de que “Deus” precisa do dinheiro, que a igreja se mantém com a oferta mensal do crente, que dando a Deus receberá muito mais em troca.

Essa oferta, que parte de um convencimento motivado dos fiéis em relação a sua situação atual, principalmente no campo financeiro, é princípio basilar da teologia da prosperidade, também conhecida como evangelho da prosperidade, que na prática das igrejas consiste em vincular uma melhora financeira proporcionalmente ao que se oferta à igreja.

A igreja com o maior empenho em evangelização na cidade da “liberdade” é uma protestante, aparentemente não segue a teologia da prosperidade. Seu foco consiste em catequizar cada vez mais pessoas. A igreja referida tem o nome de Igreja Batista de Redenção, que quer dizer uma igreja que segue a Jesus e tem esse nome porque batizava aqueles que chegavam. Batista quer dizer “aquela que batiza”. Existem divergências entre a igreja em comento e as outras ditas evangélicas da cidade. Tais divergências alcançam a doutrina e determinadas práticas. Como exemplo dessas diferenças, nos cultos da igreja Batista não há quebra de maldição, nem unção de objetos, nem tampouco rituais de libertação, assim entendidos como sendo aqueles promovidos para esta única finalidade. O que se torna visível na doutrina da igreja Batista é que eles usam a bíblia como a única regra de fé e prática. Para todas as suas perguntas, as respostas são encontradas no livro sagrado.

A Igreja Batista de Redenção, como uma igreja fundada sob o prisma protestante, coloca a figura de Jesus Cristo como sendo o único divino a ser cultuado. O que difere essa igreja das outras é que os cultos são mais dinamizados e voltados principalmente ao público jovem, mas como toda igreja protestante, anula todo o vínculo com Santos e com a adoração à Maria, mãe de Jesus Cristo.

Quando se tem um divino, todas as coisas são voltadas para ele; o trabalho, os relacionamentos, a família, e todos os problemas são confiados nas mãos daquele em quem se coloca a fé. A face religiosa que gira em torno daqueles que adoram o mesmo divino faz com que, na medida que a fé vai ficando mais forte, mais o seu divino vai se tornando único, sendo assim o fiel cultua sua divindade e prega a inexistência de outros divinos. A Igreja Batista de Redenção não é diferente, prega a salvação, a vida eterna, o amor ao próximo, tudo como presente de Deus, que é “imensuravelmente misericordioso”, mas, assim como nas outras igrejas cristãs protestantes, os fiéis da Igreja Batista acreditam no divino Jesus e pregam a vida eterna dada por Ele. Creem que não existe outro Deus e que acreditar em santos, outros deuses, crer na devoção a Maria, vai contra a doutrina da igreja ou como é dito por eles vai contra a bíblia, a palavra de Deus. A bíblia cristã protestante é um

pouco diferente da católica. A protestante possui menos livros no antigo testamento, em comparação a bíblia católica, e o novo testamento contém a mesma quantidade e os mesmos livros e ambas. No antigo testamento faltam os livros de: Tobias, Judite, Sabedoria, Baruc, Eclesiástico, I Macabeus e II Macabeus, além de faltarem alguns fragmentos dos livros de Ester e Daniel. O motivo dos livros terem sido retirados ou não acrescentados à bíblia pelos protestantes é que estes dizem que acreditar apenas nas palavras ditas por Jesus, logo, afirmam que os sete livros a mais são desnecessários. Enquanto que os evangélicos e/ou protestantes têm sua fé fundamentada exclusivamente nas sagradas escrituras, os católicos baseiam-se também na tradição e nos dogmas da igreja, como: a assunção de Maria, a infalibilidade do papa, o purgatório, o culto aos mortos, culto aos santos, entre outros. Estes ensinamentos não são bíblicos e, portanto são alguns dos pilares que distanciam evangélicos de católicos.

A Igreja Batista com seus mais variados tipos de evangelização tem como umas das bases as expressões artísticas, onde os fiéis participam de peças teatrais e danças. Um de seus movimentos mais importantes é o Derramamento de Sangue, uma peça teatral da qual comporta um grande número de fiéis e que já virou tradição na cidade. A peça ocorre durante o período da semana santa, mais precisamente na quinta e sexta feira, onde é reproduzida, de diferentes formas, a morte e ressurreição de Jesus Cristo. Esse método é feito para chamar atenção daqueles que gostam de artes, e como a peça traz a vida de Jesus como uma salvação, eles deixam o público curioso para saber mais de Jesus. A Igreja Batista de Redenção, através de seus métodos de evangelização, busca inserir na sociedade a cultura do seu divino, e assim como o teatro, também buscam jovens através de esportes, por meio de um time de futebol, para que assim, os jovens que participam possam também querer participar dos cultos.

Dentro desse cenário ainda existe uma escola, a qual é dirigida por alguns participantes da igreja. É uma escola totalmente cristã protestante, onde todas as crianças passam por um reforço maior do que diz respeito à religião, e além dos ensinamentos básicos, estimulam as orações e estudos bíblicos, o que sempre vincula a escola à igreja, fazendo com que sejam todos um só. Os cultos são realizados na quadra esportiva da escola e por esta pertencer à Igreja, as crianças ficam familiarizadas ao participarem dos cultos ou ir as aulas.

O que leva a igreja a ter muitos participantes é o que a faz “melhor” ou “mais popular”, é, como também na evangelização, a importância que se dá ao divino, que é a “prioridade” da igreja. Isso torna os praticantes exaltadores não só do divino mas também da Igreja. Dentro do cenário “libertador”, inserido no contexto da cidade, é estranho perceber a visão dos crentes protestantes em manter a crença cristã e fazer dela a principal religião da cidade, o que se contradiz quando afirmam e se orgulham de viver em uma cidade da qual foi pioneira na libertação dos escravizados, pois ao mesmo tempo que se orgulham do que foi feito pelos escravizados, anulam todo o vínculo cultural daqueles que foram libertos que por sua vez deixariam ali sua marca.

1.2 O divino que é visto pelos Cristãos Católicos de Redenção.

O cristianismo é a religião com o maior número de adeptos dividido entre Católicos e Protestantes. O cristianismo Católico está presente em todos os continentes. No início do século XX a maioria dos católicos estava concentrados na Europa, onde se espalhou por toda parte junto com o processo de colonização. Ser cristão era uma das marcas para ser europeu, então, ao realizar o ato de colonização, umas das primeiras coisas a serem exigidas era ser cristão. O cristianismo Católico ainda hoje é visto por muitos como a única e verdadeira religião, não importa se existe uma parte da população que adore outro deus, o catolicismo sempre será apresentado como melhor.

Um ponto que é crucial para os cristãos católicos é o da centralidade da figura de Jesus Cristo. Os cristãos como um todo reconhecem a importância dos ensinamentos morais de Jesus, entre eles, o amor ao próximo e a busca de viver sempre de uma maneira melhor, buscando seguir uma vida semelhante a dele. A centralidade aqui apresentada reflete de maneira contínua a influência histórica da igreja católica na forma de pensar da humanidade. Como exemplo disso, temos a constituição da família tradicional sob a ótica do cristo como centro de todas as coisas. De forma concreta, podemos nos reportar ao núcleo prático da família onde, num passado não tão distante, havia um altar no centro da sala onde todos se reuniam o que demonstra a condução e influência da igreja católica com base na centralidade da figura de Jesus Cristo.

O Deus é visto completamente como divino, e tem Jesus que foi completamente humano. Essas duas dimensões, divindade e humanidade, dentro do

contexto cristão, aqui representado pela Igreja Católica, compõem uma dinâmica ligada ao conceito de centralidade apresentado anteriormente. A expressão “Jesus, filho unigênito de Deus”, comporta essas duas dimensões à medida que considera o nascimento de Jesus da forma como qualquer ser humano e também por ser esse nascimento motivado pela ação do divino.

Ao acrescentar uma identidade humana a Jesus, na didática cristã católica, a igreja almeja dinamizar a busca dos seus fiéis por essa santificação, entendida como sinônimo de santidade, que no grego significa "uma separação". De primeira uma separação posicional, de uma vez por todas a Cristo em busca da salvação; em segundo lugar, uma santidade prática, progressiva na vida de um cristão enquanto aguarda o retorno do Cristo e, finalmente, uma separação permanente do pecado quando chegar ao céu.

O cristianismo herdou do judaísmo a crença na existência de um único Deus, criador do universo. Dentre os vários atributos relacionados à existência do deus uno e criador de todas as coisas, na prática cristã católica tem três como sendo demasiadamente importantes, quais sejam: a onipotência, a onipresença e a onisciência. Na doutrina da Igreja Católica esses atributos são apresentados como sendo a personificação do deus que governa a vida espiritual de seus fiéis. Nos ensinamentos instituídos pela doutrina católica, esses atributos revelam-se no “temor a Deus”. Para os católicos, temer a Deus nada mais é do que submeter-se a sua vontade, ou seja, personificar o desejo dele em suas vidas. Desta feita, ao personificar Deus na sua vida, o fiel despersonifica a sua ao admitir que “Deus guia seus passos”, que tem o poder para mudar tudo, que está em todos os lugares e por isso conhece tudo a sua volta. A onipotência considera a centralização do poder, em outras palavras, todo esse poder nas mãos de um só, que tudo pode. A onipresença pactua-se com o sobrenatural. Estar em lugares distintos e ainda assim ser uma só pessoa. Ainda nesse contexto, tem a onisciência também como característica centralizadora. Enquanto na onipotência há centralização de poder, na onisciência concentra-se todo o conhecimento dos fatos que acontecem. Um deus onipotente é aquele que tudo pode. Pode porque assim o é, poderoso, dentro do ensinamento cristão. Onipresente é o que está em todos os lugares, sendo assim, apresenta-se como conhecedor de tudo, e onisciente que sabe de todas as coisas.

“Todos eles são símbolos, ou pelo menos elementos simbólicos, pois são formulações tangíveis de noções, abstrações da experiência fixada em formas perceptíveis, incorporações concretas de ideias, atitudes, julgamentos, saudades ou crenças”. (GEERTZ, 1989, p. 105)

Dentro da doutrina cristã católica existe uma vasta simbologia, dentre elas a cruz, a santíssima trindade e a eucaristia. A cruz é um dos maiores símbolos depois da eucaristia dentro da igreja, ela representa a salvação, pois foi em uma cruz que Jesus morreu para conceder a salvação dos pecadores. De acordo com a doutrina católica e com os ensinamentos cristãos, a cruz representa o sacrifício de Cristo e princípio de salvação. Paralelamente às duas dimensões anteriormente abordadas, divindade e humanidade, o sacrifício de Jesus na cruz, para os católicos, também comporta tais dimensões, que abstratamente se fundem por vezes vinculando a morte à vida. Se, de fato, a morte de um só homem foi suficiente para “pagar” os pecados da humanidade, pode-se dizer que a cruz assume muitos significados, pois há diversidade de pecados face à diversidade de pessoas. Com efeito, dos símbolos empregados na doutrina católica, a cruz aciona a vida espiritual dos fiéis no sentido de entender que o sacrifício de Jesus condiciona cada cristão a um sacrifício individual, ao mesmo tempo em que os leva a aceitar os percalços de suas vidas, considerando o sacrifício da cruz como sendo o maior de todos, pelo fato de entender a dimensão humana de Jesus e que nada do que lhe possa acontecer poderá superar a atitude do filho de Deus, que entregando-se para morrer numa cruz, por ser divino, perdoou os erros cometidos pelos homens.

Ainda prosseguindo na abordagem sobre a simbologia católica, temos aquilo que é causa de divisão e muitas vezes de diferença entre as igrejas cristãs, a eucaristia, para os católicos o ápice de toda a vida cristã. A catequese da igreja católica tem sua base com a preparação para a primeira comunhão. O sentido de comunhão, considerando a literalidade da palavra reporta a comum união a qual se acha aquele que dela participa. Já no sentido espiritual e doutrinário significa “ação de graças” que ao mesmo tempo retoma o sacrifício de Jesus na cruz, ou seja, a “eterna gratidão” que lhe é devida pelos católicos face à atitude de dar sua vida numa cruz pelos pecados da humanidade. Lembrando que essa ação de graças, instituída na eucaristia, remete à submissão dos católicos frente aos seus sacrifícios que nunca

serão maiores que o de Jesus na cruz. Ao falar da centralidade da figura de Jesus Cristo pode-se compreender melhor a importância dada pelos pais na inserção dos filhos na igreja através da “turma da primeira comunhão” é feito como um ritual de iniciação. Muitos atuais protestantes passaram por essa fase em suas vidas e já receberam em suas mãos a eucaristia, como forma representativa do corpo e sangue de Jesus Cristo. Para os católicos a eucaristia é o próprio Cristo. As dimensões divina e humana de Jesus, no entender dos católicos, se encontram na eucaristia, onde recriam o cenário da ceia com os doze apóstolos, do caminho de Jesus até a cruz chegando ao momento em que ressuscitou dos mortos. O que acontece de fato é que, diferentemente de outros símbolos da Igreja Católica, a eucaristia é que detém o maior respeito pelos fiéis.

Outro símbolo da Igreja Católica é o terço. A devoção ao terço junto à devoção à Maria forma um divisor de águas entre as religiões cristãs. A figura de Maria dentro da Igreja Católica possui um grande espaço, para os católicos, intocável. Partindo desse entendimento, Maria, como mãe de Jesus possui lugar de excelência no céu ao lado de seu filho, porém, entender o que de fato é a devoção à Maria, feita pelos católicos, é uma missão árdua. As inúmeras diferenças na prática católica no que se refere à devoção Mariana, podemos assim dizer, suscitam dúvidas como a onipotência do divino, que, retomando o conceito de onipotência, seria a centralização do poder nas mãos de um só, que pode fazer tudo. Junto à devoção à Maria, a simbologia empregada é o terço, duramente criticado pelos cristãos não católicos como sendo apenas uma oração repetitiva, mas defendida pelos católicos como sendo uma oração cristã. O que realmente depreende-se da prática católica é que o terço se apresenta de forma hereditária, insculpida na cultura dos povos.

Um ponto bastante criticado pelos cristãos não católicos, mas exaltado pelos católicos é a existência de uma trindade santa, que reúne Deus, “o criador de tudo que existe”, Jesus, o filho de Deus que veio ao mundo para salvá-lo de si mesmo e por fim o Espírito Santo, como sendo o elo entre Deus e Jesus, didaticamente apresentado pela doutrina católica como o Pai e o Filho. Essa simbologia apresenta uma característica importante, a gestual. É comum nas celebrações e encontros promovidos pela Igreja Católica por seus membros, ou até de forma individual, iniciar com a formação de uma cruz sobre si nomeando cada ponto com as partes integrantes da “Santíssima Trindade”, o Pai, o Filho e o Espírito Santo. Para os

católicos trata-se de uma invocação que marca o início e o fim de qualquer encontro. A doutrina católica busca explicar a Santíssima Trindade como sendo um só Deus presente em três pessoas distintas, o que para outras denominações cristãs não parece muito lógico, uma vez que vai de encontro ao sentido de onipotência. Vale ressaltar que as características gestuais possuem muita importância dentro da simbologia católica. Mais uma vez acrescento a importância da cultura dos povos na propagação dos símbolos católicos, como é o caso do sinal da cruz, que pode tanto representar o respeito, o temor, o início de uma celebração, como é o caso da Santíssima Trindade, um apelo, um pedido de proteção, a fé, enfim, diversos sentidos que são consequências de atos pretéritos que permanecem infundidos nas práticas atuais.

A simbologia da Igreja Católica pode ser entendida como forma de expressão de fé bastante usada pelos seus fiéis. Pessoas que estão sempre com o terço na mão, ou uma cruz pendurada no pescoço, ou fazendo o sinal da cruz repetidas vezes são vistos e tem suas atitudes interpretadas como sendo supersticiosas ou fanáticas. O que realmente acontece é que essa expressão de fé é a forma como o divino se apresenta em suas vidas. A simbologia é uma forma de encontrar o divino e ao mesmo tempo mostrá-lo, por isso que os símbolos perduram no cerne da cultura dos povos. As diversas formas como os fiéis católicos seguem o divino com base na simbologia empregada em cada caso, compreende a catequese, os preceitos, a cultura, inclusive da família, e as suas necessidades. Um ponto bastante interessante é a intensidade na utilização dos símbolos católicos pelos fiéis. Essa intensidade pode ser entendida como sendo motivada por razões internas e essa motivação envolve interesses próprios. Dessa forma, também se mostra uma forma de seguir o divino. Individualmente, cada necessidade inspira uma expressão de fé e, no meio católico, essa expressão concretiza-se também na utilização dos símbolos. Seja na utilização do terço, ao fazer o sinal da cruz, na eucaristia, seja qual for a simbologia empregada, o fiel católico acredita que pode ali preparar-se para um encontro com o seu divino, e de fato até segui-lo, se isso satisfizer as suas necessidades.

Muitos católicos no município de Redenção apresentam uma característica de extremo apego aos símbolos. Onde pode citar o exemplo das festividades alusivas à história de Santa Rita, co-padroeira da cidade, onde muitas pessoas se vestem como tal com o fito de pedir graças ou agradecer pelas já alcançadas. Com isso resta demonstrado que a necessidade inspira uma expressão de fé, onde para encontrar-se

com o divino a simbologia revela-se um instrumento de salutar importância. Os fiéis católicos da cidade só estão em maior número durante as festividades alusivas de Santa Rita, onde são ativamente participantes e como já é uma das maiores tradições da cidade, a população das cidades vizinhas também se fazem presente durante esse período.

O divino dentro de uma religião pode ser visto de muitas maneiras, na cidade referida alguns crentes católicos não aceitam algumas mudanças na sua própria doutrina, um certo grupo de jovens da Igreja Católica de Redenção não aceitam o Concílio Vaticano II, que foi um movimento onde o Papa João XXIII reuniu padres de todos os lugares para que houvesse uma mudança na igreja, onde o objetivo central era atrair os fiéis dispersos e mais afastados, sendo assim umas das mudanças ocorreu nas celebrações das missas que eram somente em latim, mudaram para que pudesse ser celebrada em todas as línguas, para que todos tivessem o direito de ouvir a palavra de Deus. Dentro dessas mudanças o referido grupo da cidade se comporta e quer que a Igreja volte a ser totalmente tradicional, sendo assim eles participam das celebrações de vestimentas mais tradicionais, costumes tradicionais, e desejam que as celebrações sejam assim como era as das primeiras Igrejas, tornando-se assim perceptíveis pela população e restante de fiéis.

O Concílio Vaticano II trouxe uma mudança de posição da Igreja Católica perante as outras religiões. Não mais apoia o combate, mas sim a busca de cooperação e diálogo. Em lugar da rejeição às outras religiões, os católicos são exortados pelo Concílio a conhecer as outras religiões e a reconhecer seus valores. Essa posição do Concílio exigia uma nova posição da Igreja do Brasil perante as religiões afro-brasileiras, o que, no entanto, não era nenhum passo fácil de ser dado. (BERKENBROCK, 2007, pg.172)

Assim como em outras igrejas no Brasil, alguns crentes católicos redencionistas negam a existência de outros deuses/divindades adorados pelos praticantes das Casas de Pai ou Mãe de Santo, da religião africana e ou afro-brasileira, onde tentaram incutir nos negros uma cultura desconhecida e assim rejeitar a sua. Ainda hoje nomeiam os africanos sejam praticantes de sua religião cultural ou não, como os “macumbeiros”, os que adoram o “diabo”, os que só servem

para fazer o mal. São essas as conotações dadas a todos praticantes das religiões africanas, que são ditos como os desconhecedores de Cristo.

“É muito alto no Brasil o número de pessoas com dupla militância religiosa, quer dizer pessoas que frequentam ao mesmo tempo uma religião afro-brasileira e a Igreja Católica”. (BERKENBROCK, 2007, pg.33)

Muitos cristãos acreditam que os crentes da religião africana desconhecem o Cristo, que seguem o seu culto à risca pela cultura que está vinculada à religião. Por sua vez, muitos fiéis que se dizem ser católicos, que participam das celebrações dominicais, conhecedores do Cristo, também participam dos cultos africanos, podendo conciliar as duas doutrinas, porém, ao assumir a sua crença perante a sociedade e por medo de sofrerem rotulações, negam a religião africana e se dizem totalmente católicos.

O que torna o comportamento de muitos cristãos estranho, é que ao mesmo tempo que dizem que não existe outros deuses, muitos têm medo da religião africana por verem como uma adoração ao diabo. O que torna a situação controversa é como se tem medo do que não existe? Essa é uma pergunta que muitos os cristãos fogem da resposta ou quando respondem, usam do desconhecimento da religião para dizer que o mal existe, e que as religiões de “macumba” são religiões malignas.

Com isso, dentro da percepção de grande parte dos cristãos católicos da cidade que vivem em um contexto “abolicionista”, por serem “heróis dos escravizados”, a religião de matriz africana é ligada somente a cultura, como se não houvesse divino, tornando assim um caso de intolerância religiosa, aqui definida como a atitude caracterizada pela falta de reconhecimento e respeito às diferenças, onde novamente seguem de forma controversa do que diz o Concílio Vaticano II e isso faz com que os crentes usem o seu Divino para inferiorizar o do outro ou simplesmente para torná-lo inexistente, dessa forma, negando religião, nega também a cultura, e assim também quebra a conotação usada pelos próprios cristãos, de que todos são filhos do mesmo Deus, logo todos são irmãos e devem ser respeitados como são.

CAPITULO II: O divino estranhado na cidade da liberdade

O Brasil é um país que foi invadido e totalmente influenciado por outros. Juntando as culturas formam a diversificada cultura brasileira, que é uma verdadeira mistura principalmente de europeus, africanos e nativos brasileiros. Dentro desse contexto de diversidade existe uma certa superioridade de uma das culturas em relação às outras, que uma parcela da população diz não existir, por ainda seguir bruscamente. A cultura europeia, dita como a cultura dos brancos, sempre foi vista como a melhor para ser seguida. Desde o período da colonização onde houve a alienação tanto dos nativos como de alguns africanos, o modo em que os europeus exerciam sua cultura ficou como o correto, onde de imediato as outras culturas eram erradas ou como era usado no processo de colonização, o modo que os não europeus viviam não era cultura.

A negação das culturas que foram base para criação do país, gera uma série de preconceitos seguidos de negação a si mesmo. Se cultura é o modo de pensar e agir de um povo, porque se torna tão difícil assumir que a cultura brasileira também é formada pelos africanos, e pela população nativa? Assim como a imagem do “bom homem” e da “melhor cultura” foi imposta na colonização, também a da cultura africana e a dos nativos brasileiros, que é vista como negativa, permaneceu como marcas vindas de lá. A cultura que era formada pelos escravizados, que por serem africanos, negros, eram desumanizados e visto como mercadoria. A cultura já existente antes da chegada dos europeus, os amarelos, canibais, selvagens, eram chamados de primitivos, criaram marcas que até hoje muitos brasileiros preferem achar que são europeus.

“A influência dos descendentes dos negros marca o país das mais diversas formas, seja através da riqueza de sua música, arte ou culinária, como também pelo pensamento e comportamento”. (BERKENBROCK, 2007, pg. 32)

Nos dias atuais a aceitação das culturas parece progredir um pouco mais, apesar de ainda haver aqueles que vestem a camisa dos “brancos são superiores”, a cultura africana já está introduzida no ceio do país quer queira, quer não. A longa permanência do negro no Brasil acabou por abrasileirá-lo, e assim hoje uma grande parte da população brasileira é negra, e de acordo com o tempo todos vão

construindo seu espaço, fazendo com que haja diversidade apaziguada, infelizmente até alguns negros querem e vivem ou buscam a vida semelhante de um europeu.

A cidade de Redenção como já dito no capítulo acima foi a cidade pioneira no Brasil ao alforriar os escravizados que aqui viviam, e desde então a cultura da cidade gira em torno dos benefícios gerados através do alforria dos seus escravizados, onde atualmente tem crescido muito em população e capital. O pioneirismo de uma “boa ação” fez com que os nativos da cidade tomassem o fato para si o tornassem heroico, apesar de ser um assunto que deu um novo rumo à cidade, muitos redencionistas não conhecem nada da cultura africana e afro-brasileira e vivem uma cultura que diz ser totalmente ligada ao contexto libertador, mas na verdade é que muitos só sabem do fato que elegem como heroísmo.

“A crença religiosa tem sido apresentada, habitualmente, como uma característica homogênea de um indivíduo, como seu local de residência, seu papel ocupacional, sua posição de parentesco, e assim por diante”. (GEERTZ, 1989, p. 136)

Na cidade de Redenção a crença religiosa que prevalece é a cristã, seja ela católica, protestante e/ou evangélica, é a crença que é passada de pai para filho e que tem uma verdadeira ocupação na cidade. A resistência dos brasileiros em aceitar outras religiões traz traços de uma “boa catequização” feita pelos colonizadores cristãos, que antes de apresentar o “verdadeiro Deus” estudavam os costumes, a crença que exerciam, que apesar de acharem errado começavam o trabalho de catequização por lá.

No período de evangelização com os africanos usou-se a força que os ancestrais tinham sobre eles, a fé e o respeito para com os mais velhos que vivem em outro plano, para fazer de mediador junto com Jesus Cristo “verdadeiro Deus”. Onde foi usada a teologia da inculturação, que é a teologia que visa a fé e a cultura. Seria possível então chegar a um africano dizendo que o Deus em quem acredita e os seus ancestrais não existem? Então para que isso não acontecesse e as pessoas se recusassem em ouvir a palavra que tinham para pregar, usavam a fé em diálogo com a cultura. Hoje muitos africanos são católicos mais não deixaram de acreditar na força que os ancestrais têm sobre eles.

A “sábua” evangelização dos cristãos católicos para com os descrentes de cristo, a emergência que tinham em “salvar os africanos”, assim como os indígenas das religiões malignas, faz da igreja católica uma das mais populosas do mundo e a mais populosa no Brasil, usando o método de inculturação que é de introduzir a cultura e aspectos culturais de um determinado povo a sua própria, ou seja, colocando aspectos europeus na cultura africana.

Jesus Cristo sendo o mediador entre os ancestrais e o divino, faz dos africanos cristãos fervorosos que vivem sua fé muitas vezes até com mais intensidade do que aqueles que já foram introduzidos ao cristianismo desde o nascimento. Respeitar as raízes dos africanos foi uma das primeiras fases para uma “boa evangelização”.

A cidade da liberdade, sendo uma cidade totalmente cristã, seus fiéis estranham a presença de outra religião. Não sendo diferente das outras cidades vizinhas, se amedrontam com a chegada ou descoberta de um novo divino, principalmente em um divino que para a população não é divino, é demônio. O que não parece comum é que em outras cidades é até “normal”, ainda que não seja aceitável, por ainda ser um país que vive em um contexto um tanto eurocêntrico. Mas é contraditório ver que na primeira cidade a abolir a escravidão e por ser uma cidade que a cultura e a economia gira em torno do cenário libertador, literalmente o nome Redenção, que é o ato de redimir, libertar, salvar, estranhar o divino que é adorado por africanos onde aqui viveram e foram “salvos” torna o nome da cidade banal.

O preconceito para com a cultura africana é um preconceito silencioso, onde muitas vezes as pessoas têm preconceito de ter preconceito, ou seja, tem medo de serem rotulados como preconceituosos, e isso está contido na cultura brasileira e muitos carregam fortemente essa marca. O Brasil tem um histórico de negação das tradições não cristãs, e principalmente com religiões de “macumba” assim chamadas, com isso, a importância que a cultura tem sobre o país e as fortes influências que hoje fazem do Brasil, um país multicultural, por vezes não são vistas como um ponto positivo para a formação cultural de determinada região do país. Em Redenção seria comum ver muitos africanos ou pelo menos alguns de seus parentes, e com eles sua cultura e religião, que mesmo se fosse católica, seria vivenciada de formas diferentes. Mas segundo a população na cidade não existe nenhum descendente de africano o

que é divergente, pois ali viveram escravizados por anos e que quando foram libertos pelo menos alguns devem ter permanecido na cidade.

O divino que é adorado pelos praticantes da religião de matriz africana não é encontrado na cidade da liberdade, ou os praticantes da mesma o escondem para que não seja visto, e não seja motivo de medo na cidade a qual salvou os escravizados.

2.1 O divino das Religiões de Matriz Africana e Afro-brasileira

A religião diz respeito mais a sociedade que o sujeito, toda a vida da sociedade é envolvida pela religião. A religião envolve o todo e tudo faz sentido dentro dela. É o que dá origem ao sentido da vida daquele crê. A fé em um Ser que é supremo faz do crente um ser que vive em busca de melhoria constante, todo aquele que crê e ama sua doutrina deseja mostrá-la da melhor forma e como sempre a melhor forma de mostrar o bem estar nas doutrinas, é demonstrar alegria, riqueza nas palavras e na evangelização, coisas que no pensamento da maioria levam a felicidade.

A religião de matriz africana sendo contrário de como é vista, é uma religião monoteísta. Conforme a tradição, eles adoram um único Deus supremo, o Senhor absoluto que está sobre tudo que há na terra e no céu, a quem recebe culto e oferendas diariamente. Na crença de matriz africana, alguns fieis acreditam em divindade, Olórum, Deus, que é um ser extranatural, usualmente com poderes significantes, cultuado, tido como santo, divino ou sagrado. As divindades são superiores aos seres humanos e à natureza. Algumas dessas divindades são os antepassados que são figuras de extrema importância no que se diz respeito à religião e cultura africana. Os antepassados são homens e mulheres que por suas vidas exemplares, foram divinizados e quando morrem não vivem no mundo dos mortos. Alguns africanos acreditam que quando uma pessoa morre na verdade não morreu está apenas fazendo uma viagem da qual encontra seus antepassados e espera a chegada dos outros. Um dos papéis dos antepassados é abençoar os que ficaram vivos, estes acreditam que de onde seu antepassado esteja irá abençoá-lo, é até um dos costumes africanos que antes de sair de casa, de tomar uma decisão importante, primeiramente pede permissão ao seu antepassado, e se não fizer isso estará faltando com respeito àquele que é uma divindade.

Com suas crenças a religião africana é diferenciada de todas e se aproxima um pouco da doutrina católica onde são cultuados os santos, e na religião africana

são os orixás. Cada orixá representa uma força da natureza, por isso muitas pessoas veem a religião como animista, que é uma manifestação religiosa da qual é iminente a todos elementos do cosmos, como o sol, lua, estrela, e a todos os elementos da natureza como, o rio, as montanhas, as florestas, e designam a eles sentimentos, emoções, desejos, e entre outras sensações humanas. Só que diferentes dos animistas, os fiéis da religião de matriz africana quando invocam seu orixá, se referem às forças da natureza pertencentes à criação do Pai maior, criador, Olorum, Nzambi, etc., o Deus dos africanos. O processo de equilíbrio entre os orixás e os fiéis adota a troca em dar e receber, este esquema o sacrifício é o elemento crucial que proporciona a estabilidade.

A cultura africana está totalmente ligada à religião, seja ela tradicional ou até no cristianismo, eles usam do seu Deus por intermédio dos ancestrais e das divindades. A cultura diversificada da África liga todo o povo a uma doutrina, aquela a quem pode se apegar para servir de aparo e de desejo de mudança. Dentro da religião tradicional africana, um dos costumes é o ritual de iniciação, onde novamente se torna similar aos rituais de iniciações católicos. Os cristãos passam primeiro pelo batismo, depois pela catequese e primeira eucaristia, crisma e por fim casamento. Assim diferenciado desses ritos, os africanos fazem o ritual de acordo com a religião que participa.

A ampla cultura africana reúne um grande número de povos, línguas, religiões, onde todos comungam apenas do mesmo continente. O povo africano passou por grandes influências das quais veio dar início com o tráfico negreiro, que foi uma parte da história dos africanos que ficou marcada pela desumanização. O comércio de escravizados fez do povo africano, durante um grande período, submisso as vontades de outros que se faziam superiores.

“Caça, guerra, compra: através destes métodos, os africanos foram escravizados. No início da fase do comércio escravista, os portugueses caçavam pessoas na África e o produto da caça era escravizado”. (BERKENBROCK, 2007, pg.69)

Por muito tempo os africanos ficaram conhecidos como produto, sendo que muitas vezes era barato e ao mesmo tempo gerava muitos benefícios para quem os tinha. Ter um escravizado na época era demonstração de riqueza, quem tinha mais consequentemente era mais rico. A mercadoria barata fazia dos africanos escravizados pessoas que não eram tratadas como tal, viviam como bichos, e tinham que ser submissos aos seus senhores, assim fez dos africanos pessoas que tinham que

ser obedientes as vontades dos europeus. Na medida em que os escravizados faziam os engenhos crescer, a mão-de-obra escrava ia se tornando cara, não para o escravo, mas sim para o comprador.

Os africanos foram trazidos ao Brasil em navios que tinha o nome de navio negreiro, aonde navegavam em grande quantidade sem condição alguma de sobrevivência. Muitos não chegaram nem a ver as terras brasileiras, morriam e eram jogados em auto mar. Além de todo sofrimento em ter que sair de sua terra, deixar sua família, a vida dos africanos por um certo período sofria diversas restrições.

A chegada dos africanos nas terras brasileira os tornavam um pouco europeus, ou pelo menos assim os colonizadores desejavam. A influência dos portugueses que “descobriram do Brasil” sobre os brasileiros e africanos mostrava a verdadeira cultura a ser seguida, que no entanto era a única que devia ser exercida. Os europeus tinham o controle de decidir sobre o que seguir ou não e faziam dos não europeus, pessoas insignificantes sem direito de opinar sobre a própria vida.

Era evidente que a única religião permitida no Brasil-colônia era o catolicismo. Ser portugueses significava sem exceção ser católico. Outra possibilidade não estava à disposição. Esta pertença religiosa foi transferida para os escravos, que não estavam, porém, na mesma situação cultural que os portugueses, já cristalizados há séculos. (BERKENBROCK, 2007, pg.96).

A cultura imposta aos não europeus tinha uma grande marca, se não a maior, que era ser cristão. O cristianismo era imposto aos africanos desde o momento de subida ao navio negreiro para que, ao chegar às terras brasileiras, que por sinal já eram católicas, eles já estivessem com alguma noção do que era ser cristão. Os missionários pregam a palavra de Deus e mostravam que o cristianismo era a única forma de salvação, ou seja, usar da salvação para aqueles que estavam sem esperança de vida era uma arma certa para que eles pelo menos ouvissem o evangelho. Converter-se era praticamente obrigatório, apesar da palavra conversão não ser muito o interesse dos europeus, eles só estavam preocupados como e a quem os africanos adoravam. A “conversão” se baseava no batismo, os africanos após ouvir o evangelho de cristo para se dizer cristãos tinham que ser batizados, isso seguido da catequese. O interesse dos europeus eram torná-los católicos, ou seja, torná-los um

pouco europeus, era retirar toda a “sujeira” que estava contida na cultura e religião dos mesmos.

Após o fim do processo de colonização, alguns africanos que aqui ficaram voltaram a exercer suas culturas e religiões de pouco a pouco. Com a permanência deles no território brasileiro veio a nascer os afro-brasileiros, e/ou afrodescendentes que são a mistura de brasileiro com africano ou outro estrangeiro, com isso surgiu a cultura afro-brasileira, que se deu a partir de influências da cultura africana vivenciadas no Brasil.

As principais religiões que abrangem essa cultura são a Umbanda e o Candomblé. O Candomblé é uma religião que foi trazida para o Brasil desde o tempo em que os africanos chegaram como escravizados. Nesse período, o cristianismo proibia todo e qualquer ritual africano, e ainda tinha o apoio do governo, que julgava o ato como criminoso, por isso os escravizados cultuavam seus orixás omitindo-os em santos católicos. Os orixás, para o candomblé, são as divindades, forças de natureza, os deuses supremos. Os rituais dessa religião são realizados em casas ou terreiros que podem ter um líder matriarcal, quando somente as mulheres assumem ou patriarcal, quando os homens assumem a liderança do terreiro ou pode ser mista, quando homens e mulheres lideram, e o ritual é feito com danças, músicas, e assim os filhos de santo começam a invocar seus orixás que os incorporam. A celebração é conduzida pelo Pai ou Mãe de Santo. No candomblé não há a incorporação de espíritos, já que os orixás que são incorporados são deuses da natureza.

A outra religião afro-brasileira é a Umbanda, que é uma das religiões nascida através do sincretismo religioso, onde sincretismo vem ser a comunhão de aspectos de várias religiões em uma só. Fruto do contato dos diferentes povos viventes no Brasil que contribuíram com a cultura e religião, a Umbanda é uma religião espírita, que engloba tradições indígenas, do cristianismo católico e entre outros. Aparentemente o culto da umbanda com seus cantos e algumas características se assemelham um pouco ao culto do candomblé, a diferença é que a Umbanda usa representações das figuras indígenas, e reencarnação que é encontrada em um centro, ou doutrina espírita. Os rituais da umbanda esta entre os banhos, descarrego, despacho e passe, onde os banhos fazem parte da purificação do corpo e da mente, o descarrego é feito para afastar pessoas de energias negativas, o despacho consiste na realização de oferendas em lugares como, encruzilhadas, matas, rios, e entre outros, e o passe é o momento em que o fiel se dirige ao espírito para fazer uma consulta.

O culto da Umbanda, assim como o do candomblé e de todas as religiões de matriz africana e afro-brasileiras, são vistos como malditos. O preconceito dado a essas religiões fazem delas por muitas vezes nem ser reconhecidas como tal. A cultura afro-brasileira tem servido de grande influência para o país, tanto nas religiões, como nas músicas e danças, na culinária e na arte. A riqueza da cultura africana misturada com a cultura brasileira, faz da cultura afro-brasileira um vasto cenário de aprendizado.

As religiões afro-brasileiras se encontram em toda parte, na cidade de Redenção e nas cidades vizinhas não é diferente. Mas ao contrário das outras religiões a de matriz africana se encontra em um lugar que seja mais escondido, já que como em muitas cidades, um dos pontos turísticos são as matrizes católicas, e agora também as igrejas protestantes.

A face verdadeira dessa problemática se explica no conhecimento mascarado ou até mesmo no silêncio conveniente por aqueles atuam ativamente ou passivamente nesse contexto. Em uma das visitas em casa de Pai de Santo, o Senhor o qual era o Pai da casa, passou todo o tempo dizendo ser católico, e única coisa que fazia de diferente era dizer que é um curandeiro, onde curandeiro é uma pessoa que recebe um dom de curar doenças, e também de curar as pessoas que estão doentes espiritualmente é o momento em que o Pai ou a Mãe de Santo realiza rituais que retiram das pessoas coisas ruins, conhecido popularmente como macumba, que também é como as pessoas chamam todas as religiões africana e afro-brasileiras. O local onde é realizado os cultos se encontra no quintal da casa do Pai de Santo, de modo que fique mais escondido, e também para quando as pessoas cristãs ou aquelas que negam o que pratica e não querem ser vistas possam entrar sem ter contato com a casa principal. No decorrer da visita o Pai de Santo que por sinal é um senhor mais velho, ia falando do contato que os cristãos têm com a religião africana, como também ele ia se colocando como um celebrante deste culto.

Ver as máscaras que a população usa para mistificar uma religião que é vista como maligna, faz da intolerância religiosa um membro do corpo da sociedade. Faz dos praticantes pessoas tementes a uma sociedade eurocêntrica. Dentro desse contexto social surge a necessidade de uma exposição e uma interferência. A sociedade mascara realidades cotidianas, mas esse amor pelo divino existe, e melhor que negar sua existência é reconhecer seu papel e sua contribuição dentro da dela.

2.2 – A religião: Seja ela qual for, um amor que se faz divino.

Inicialmente falando, o conceito de religião, exaustivamente retratado nessa obra, por vezes se mistura com a cultura dos povos. Entende-se por cultura dos povos a prática reiterada de determinadas ações por povos diferentes em regiões específicas. Como esse trabalho se propõe a estudar a importância da religião africana estabelecendo um paralelo entre a visão da população de Redenção em face dos praticantes da religião africana e afro-brasileira, nesse capítulo, onde o subtítulo sugere uma abordagem mais genérica sobre o divino têm-se duas dimensões ligadas diretamente à religião, mas que podem assumir contextos diferentes a depender do campo de aplicação. Nessas dimensões, uma ocupa o plano da subjetividade, onde se procura entender a importância da religião africana ao mesmo tempo em que se observam as influências e reações dentro do contexto cristão do município de Redenção, e a outra formula um conceito objetivo com base na vivência e na prática religiosa.

A religião, dissociada das questões puramente doutrinárias traz para o seio da sociedade uma sensação de segurança para aqueles que dela são adeptos. Cada religião revela um centro de irradiação concentrado na realização do bem-estar espiritual.

O homem desde sempre buscou esse bem-estar espiritual. Essa busca está centrada em um eixo que realiza a conexão entre aquilo que se deseja e aquilo que se espera receber. Nesse contexto, a religião assume o papel de promover esse bem-estar espiritual, onde, se dissociando parcialmente de conceitos doutrinários e ainda mais, morais e éticos quando se trata das religiões de matriz africana, comporta diversos tipos de manifestações ligadas ao divino. O bem-estar espiritual, nada mais é do que uma condição humana que envolve questões como realizações pessoais, tais como: emprego, prosperidade, paz, tranquilidade, enfim, áreas sensíveis do ser humano.

A primeira dimensão é a religião no plano da subjetividade. Nessa dimensão, a religião é o sujeito da relação bem-estar espiritual. Independentemente de qual seja, esta assume o papel de ser o sujeito que promove esse bem-estar, por isso essa dimensão é denominada de subjetiva. Aqui a doutrina não interfere e fica tão somente à parte da constituição de um rito, por exemplo. Essa dimensão não aceita distinção entre os povos, dito que, como foi relatado anteriormente, a religião por vezes se mistura com a

cultura dos povos, o que demonstra o caráter amplo e diversificado que a religião assume quando dissocia-se em parte da doutrina ao adentrar no plano da subjetividade.

Sabemos que há diversidade de pessoas, conseqüentemente diversidade de vontades, realizações, e por isso, diversidade de caminhos para se buscar o atendimento dessas vontades. É nessa hora que a religião, acompanhando o plano da subjetividade, coloca-se como o centro da relação entre o homem e aquilo que ele acredita, possibilitando por em prática diversas manifestações de vontade como a fé e a penitência. Essas práticas podem ser denominadas de manifestações de vontade porque dentro do contexto em que se aplica esta obra, o caminho para se alcançar o bem-estar espiritual não depende unicamente de uma só denominação religiosa, visto que a religião assume o mesmo papel dentro de diversas realidades culturais que possuem como base para o conhecimento de sua divindade uma herança intangível.

A segunda dimensão considera a objetividade, ou seja, o campo prático da religião como sendo o meio para se alcançar o bem-estar espiritual. De fato, a questão da objetividade na concepção religiosa envolve a transmissão de conhecimentos de ordem prática, que em seu cerne define a religião como o objeto da relação prática entre homem e o seu divino. Cabe aqui ressaltar uma característica muito importante da objetividade. É que esta complementa as diversas manifestações de vontade ditas anteriormente com suas expressões particulares. Essas expressões envolvem rituais, cerimônias, objetos, lugares. É nessa dimensão que a doutrina surge como um meio para a realização do bem-estar espiritual. Diante disso, cada uma dessas expressões assume seu valor particular dentro do seu contexto histórico.

Cada religião possui um centro de atração para o qual sempre se voltam os seus adeptos, seja espontaneamente ou movidos por uma necessidade especial, porém o motivo pelo qual essa atração se mantém firme pelos tempos é muito mais profundo e vai além de qualquer outra necessidade. É algo sobrenatural. Ao tratar das dimensões subjetiva e objetiva das religiões, foi possível ter uma base de como se comporta o ser humano diante das provocações no mundo em que vive e assim compreender melhor as suas reações. O apego à religião está intimamente ligado à cultura dos povos ao mesmo tempo em que se relaciona com a realização do bem-estar espiritual. Cada um escolhe sua religião no afã de ter suas expectativas atendidas, a felicidade, a paz, a solução para os seus problemas, ou seja, o que faz com que o ser humano cada dia mais busque o

divino através da religião é justamente o desejo de abrigo, sustento, apoio. Numa abordagem mais profunda, há quem o faça motivado pelo sentimento de gratidão, dessa forma, as manifestações de vontade como a fé, se torna latente e mais ativa na conceituação do amor pelo divino através da religião.

No cenário religioso do município de Redenção, muitas dessas manifestações podem ser observadas em todas as denominações religiosas existentes. A busca pelo divino se torna um ponto comum, mas não concomitante. Cada um busca o seu divino, para atender as suas expectativas e os seus anseios. É factível a observância dessas manifestações, pondo em prática o plano subjetivo e objetivo que envolve a religião. Como exemplo disso, temos, na Igreja Católica a tradição de vestir-se como um santo, no caso de Redenção, vestir-se como Santa Rita para ver atendido algum pedido realizado ou simplesmente movido pelo sentimento de gratidão. Essa não é uma prática doutrinária, mas existe por conta da cultura do povo daquela região. Da mesma forma, no ensino catequético da própria Igreja Católica, o conhecimento dos mandamentos da lei de Deus e dos mandamentos da Igreja aplica-se ao plano objetivo da religião, pois tratam da mesma finalidade, porém através de um meio imposto pela doutrina da Igreja como conhecimento prático.

Ao se falar em religião como sendo um amor que se faz divino, pode-se inferir que qualquer amor pode ser divino, logo qualquer religião que atenda às expectativas de seus adeptos não poderá sofrer restrições quanto ao seu grau de certeza. É bem verdade que na prática não é assim que as coisas acontecem. Alguns adeptos de cada religião não medem esforços para defender a sua ideologia e também acabam por desconsiderar as outras religiões, buscando-se estabelecer uma relação hegemônica no meio em que vivem. Essa concepção ainda persiste na atualidade e pode ser constatada nas ações prospectivas de muitas religiões.

Partindo do entendimento de que qualquer religião pode ser aceita sem sofrer restrições, observa-se que atualmente há diversas religiões que pregam doutrinas bastante parecidas, chegando ao ponto de serem confundidas pelos fiéis. O que de fato acontece é que não se trata de doutrinas parecidas ou semelhantes, mas de posicionamentos. Numa sociedade multifacetada como a que vivemos, cada religião cuida de apresentar respostas imediatas às várias situações recorrentes e dessa forma, sempre se voltam para a mesma direção, ou seja, a promoção do bem-estar espiritual. A

grande diferença não está dentro da religião, mas fora dela. Só a título de exemplo, algumas religiões combatem outras usando a definição de ocultismo para definir as práticas realizadas por estas. Observa-se que ainda que uma religião busque promover esse bem-estar espiritual, sempre haverá por parte das demais um contraponto estabelecido entre o certo e o errado ou até ser diferenciado entre bem ou mal.

Cada religião possui sua particularidade ao mesmo tempo em que cada ser humano busca a sua movido por interesses particulares, dessa forma não há como realizar uma distinção entre as religiões com base apenas em particularidades. O Brasil é um Estado laico, ou seja, sem religião oficial, apesar de ser predominantemente católico, característica herdada da colonização. Atualmente esse quadro vem mudando de figura. Muitas outras religiões vêm surgindo e ganhando espaço no meio social, cada uma com sua particularidade. Além de vivermos em um Estado laico, também nosso país é multicultural, herança também da colonização.

Entrando contexto religioso do município de Redenção/CE, pode-se perceber que não há tanta variedade de religiões, o que fomenta ainda mais a diferenciação entre as religiões predominantes, levando em consideração os aspectos geográficos e culturais da região. Tais aspectos asseguram ao adepto de dada religião uma posição hegemônica em relação às demais sem considerar o número de fiéis, mas tão somente à ideologia apresentada, por isso é que há esse fomento à diferença entre si.

Para vivermos bem em sociedade é necessário respeitar questões como a ética e a moral. No contexto religioso, tais questões assumem relativo grau de importância na manutenção da sobriedade entre as religiões.

Primeiramente, como já foi dito, vivemos em um Estado laico, ou seja, sem religião oficial, assim, o legislador originário garantiu que, pelo menos no aspecto da legalidade não poderá haver distinção entre as pessoas por razões de ordem religiosa, ao mesmo tempo em que não permite que se invoque a convicção religiosa para eximir-se de serviço obrigatório imposto pelo Estado, podendo prestar serviço alternativo, assim pode-se perceber que, por questões de ordem social deverá haver o respeito às religiões na relação entre o Estado e um particular, mas como se trata da relação entre particulares, o respeito para com as diversas religiões deve-se também para com o divino de cada um. Ao respeitar uma religião, respeita-se também o divino, centro daquela religião e consequentemente, o centro da vida daquele fiel, assim, o respeito

para com a religião de alguém faz um caminho inverso, indo diretamente ao divino, passando pela religião até chegar o ao adepto desta, da mesma forma, o desrespeito também perfaz esse caminho inverso, que impulsiona uma reação desmedida, muitas vezes fora da órbita natural das coisas.

Outro aspecto está ligado à autodefesa produzida por aqueles que se sentem ameaçados com a iminência de uma nova religião. Um fato interessante ocorrido no município de Redenção foi quando, segundo relatos, foi instalado um “terreiro de macumba” bem no centro da cidade. Aquela atitude para os nativos e residentes deste município, que é predominantemente católico, foi uma afronta à moral e a ética e passou a gerar preconceito para com aqueles que frequentavam aquele lugar. Essa reação, que ocupa o plano da subjetividade no contexto religioso, e que está diretamente ligada à religião de matriz africana, é natural se levarmos em consideração os aspectos culturais e geográficos da região, mas se considerarmos a contemporaneidade e a evolução dos conceitos morais e éticos, assegurados implícita e explicitamente pelo texto da lei, essa reação pode ser concebida como um retrocesso na evolução histórica da humanidade, inadmissível na modernidade. É um fato notório a repulsa que causa as religiões de matriz africana dentro de qualquer contexto cristão, porém seria mais coerente dizer que não se trata de repulsa, mas de intolerância religiosa tendo em vista que essa negação não é exatamente da religião, mas do valor de todas as tradições de matriz africana.

Para que haja um convívio harmonioso em sociedade é preciso haver respeito para com as escolhas dos seus pares, principalmente quando envolve questões sensíveis ao ser humano, como é o caso da religião. Cada um a busca na intenção de encontrar-se com o seu divino, por isso é de suma importância que esse respeito ultrapasse as barreiras do preconceito e da intolerância, haja vista que ao se buscar alcançar um bem-estar espiritual, cada homem ou mulher, seja criança, jovem, adulto ou idoso, o fará motivado por aspirações particulares que não suportam nenhum juízo de valor acerca de virtudes como certo ou errado, bem ou mal. A relação aqui se mantém pela ação do divino em suas vidas, ou pelo que se espera que aconteça ao escolhê-lo como um guia, refúgio, apoio, sustento para suas vidas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Toda religião fornece uma explicação a respeito das realidades observadas e de realidades não observáveis (em cuja existência o povo crê) e orienta o comportamento de seus membros, definindo o que é certo, o que é errado, a finalidade do homem, etc. Algumas religiões mais universalistas são apresentadas como as únicas verdadeiras, e seus sacerdotes costumam exigir dos fieis o abandono de crenças e práticas de outras religiões (como quase sempre ocorre com as religiões cristãs). (FERRETTI, 03, 2007)

Ao realizar o projeto que resultou nesta monografia, pude constatar que a visão da sociedade de Redenção mascara as realidades contínuas de uma religião a qual está ligada a cultura da cidade. A sociedade de um modo geral nega e oprime tudo que está vinculado à África, e principalmente o que a liga ao Brasil a cultura e a religiosidade.

Apesar de anos após a colonização, o papel do europeu em fazer de África um local de pessoas que viviam de forma errada, que cultuavam demônios e tinham uma cultura suja, o continente africano continua sendo mal visto, e hoje com pessoas tendo preconceito de ter preconceito, a realidade brasileira se apresenta num certo “consenso religioso”. A religiosidade africana se encontra no seio da cultura e se faz presente em todos os lugares, ainda que de forma discreta, os praticantes da mesma procuram fazer do divino algo que seja preservado, para que o divino que é adorado na cidade da liberdade nunca deixe de ser o “único”. O que não condiz com a cultura dita existente na cidade. Assim estando em diálogo com o desejo dos praticantes em ver sua religião entrar no conceito da liberdade.

Por fim, ao buscar mostrar o amor pelo que é divino este trabalho desafiou as diferentes formas de demonstração desse amor dentro das religiões de Matriz Africana, afro-brasileira, e religiosidades cristãs. O enfeitamento da sociedade perante a cultura e religião africana, faz da sociedade eurocêntrica e cristã a “melhor” para ser usufruída, de modo que a sociedade viva presa em uma cultura que não é a sua. A liberdade da cidade é como a escravidão do pensar da sociedade, prende as pessoas que vivem a mercê de uma cultura que ainda é um tanto eurocêntrica.

REFERENCIAS

- ALVES, Rubem. **O que é religião**. São Paulo: Ars Poética, 1996.
- BASTIDE, R. **O candomblé da Bahia**. São Paulo :Companhia das Letras, 2001.
- BERKENBROCK, Volney J. **Experiências dos Orixás: um estudo sobre a experiência religiosa no Candomblé**. Petrópolis (RJ), Vozes, 2007.
- DOMINGOS, L. T. **A visão africana em relação a natureza**. Maringá: Revista Brasileira de História das Religiões, Maringá (PR), v.3, n. 9, jan/ 2011.
- FERRETTI, M. **Religião e Sociedade: Religiões de Matriz Africana no Brasil, um Caso de Polícia**. São Luís: Anais do evento, 2007.
- FILHO, Aulo Barretti (Org). **Dos Yorùbá ao Candomblé Kétu**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2010.
- GOMES, Mércio Pereira. **Antropologia: ciência do homem, filosofia da cultura**. São Paulo: Contexto,2013.
- GEERTZ, Clifford. **A interpretação das Culturas**. 2. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1989.
- PRANDI, R. **Candomblé e umbanda no mercado religioso**. São Paulo: Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo, 2004.
- WILLEMANN, E. M; LIMA, G. R. **O preconceito e a discriminação racial nas religiões de matriz africana no Brasil**. Rio de Janeiro: Revista UNIABEU Belford Roxo, 2010.

ANEXO I

Depoimento

Eu Ana Letícia Ferreira da Silva, católica, praticante de uma comunidade da RCC, Renovação Carismática Católica, da qual tem o nome de Comunidade e Associação Católica Luz de Deus, onde recebo diariamente a missão de ser Luz onde tem Trevas.

Diante da dimensão deste trabalho me propus a viver a fé que tenho ao Divino, ao Cristo, enxergando a existência de outros. Na medida em que iniciava o projeto que me levou a monografia, a dimensão da minha fé, o meu orgulho de ser cristã, ia aumentando. Hoje finalizando uma etapa da vida, tenho plena certeza do divino a qual fui escolhida para adorar. Sendo assim tudo o que me moveu a pesquisar sobre a minha religião, sobre a religião do outro, fez da minha vocação uma prova que ser luz nas trevas muitas vezes é acender a vela do irmão, do que comunga da mesma fé.

Entender a religiosidade africana, que é um marco na cultura do país, ir à campo para obter resultados para a pesquisa, estudar a fundo a igreja católica e seus erros, foi um trabalho um tanto arduo, pois ir ao contrário do que comunga muitos irmãos é mostra-los uma nova visão, compromete sua figura diante do ambiente que vive. Tanto a religiosidade de matriz africana como a cristã, têm seus divinos onde os fiéis adoram e elegem como único, sendo assim a visão de uma religião para com a outra sempre vai haver uma resistência de uma das partes. O divino pessoal é algo que não é explicado, é misterioso, é o que conecta a vida espiritual.

Agradeço novamente a todos que se propôs a ajudar essa pesquisa, assim com as experiências vividas, os aprendizados diários, os livros lidos, e as idas a campo, hoje me faz uma cristã conhecedora de algumas verdades que outros fogem para não mexer com a fé, ou fogem porque preferem viver acreditando na boa vontade daqueles que estragaram muitas vidas.

Respeitar o Deus do outro mostra a verdadeira missão daquele que adora algum deus, pois aceitar o que não acredita, e se colocar no lugar daqueles que são rejeitados porque não podem viver o seu divino assim como nos cristãos podemos, é mais que uma missão catequizadora, é uma missão de vida. Por fim, realizar esse

trabalho me fez uma crente melhor, e me fez levantar a bandeira de que respeitar e acreditar são palavras e vivências diferentes.